

Meireles-Coelho, Carlos (2003). 730 **Rocha, Filipe:** Calvão (Vagos) 09/12/1933 – Aveiro 18/11/1996. Nóvoa, António (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*, pp. 1195-1199. Porto: ASA. ISBN: 9789724136110.

730

ROCHA, FILIPE

CALVÃO (VAGOS)
09/12/1933

AVEIRO
18/11/1996

Filho mais velho de Claudino Rocha e de Evangelina de Jesus, Filipe Rocha frequentou os quatro anos da escola primária na Choca do Mar (Calvão) e os oito anos do ensino secundário no Seminário de Aveiro (1945-1953), no tempo do bispo D. João Evangelista Lima Vidal, que o enviou para o Seminário dos Olivais (Lisboa) estudar Teologia (1953-1957) e que o ordenou sacerdote. Foi estudar para a Universidade Gregoriana (Roma), onde obteve o bacharelato em 1959, sendo-lhe atribuída a medalha de ouro de melhor aluno, e licenciou-se em 1960 com a classificação *suma cum laude*, tendo apresentado a dissertação *Sinceridade e mentira na criança e no adolescente*. Foi professor de Filosofia, Antropologia, Ética, Metodologia e Pedagogia no Seminário de Aveiro (1960-1974), de História do Pensamento Antigo e Moderno no Instituto Superior de Estudos Teológicos do Porto (1972-1974) e de História do Pensamento e Filosofia da História no Instituto de Ciências Humanas e Teológicas (1975). Doutorou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa (1976), defendendo a tese *Cibernética e liberdade: maneira nova de pensar o homem?* Foi professor na Faculdade de Filosofia de Braga (1972-1979) de Liberdade em Situação, Filosofia da Evolução, Filosofia da História,

Filosofia das Ciências Biológicas e Epistemologia das Ciências Humanas. No Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro (1979-1996), exerceu funções docentes na área de Fundamentos da Educação (História e Filosofia da Educação), sendo responsável pelas disciplinas de Introdução às Ciências da Educação, Evolução dos Sistemas Educativos, Correntes Pedagógicas Contemporâneas, Filosofia da Educação, História da Educação em Portugal, Educação e Valores, Formação Pessoal e Social, para além de ter orientado seminários curriculares dos estágios pedagógicos e investigação em torno da Filosofia da Educação e Pedagogia. Em janeiro de 1984 prestou provas de Agregação em Ciências da Educação (Filosofia da Educação), na Universidade de Aveiro, passando a catedrático em 1986. De 1962 a 1996, escreveu dezenas de artigos dispersos e publicou os seguintes livros, que integra no seu currículo de Ciências da Educação:

Liberdade em situação (1971): “Educar é construir a liberdade para todos os homens. Porém, o homem não é um ser abstrato e intemporal; senão concreto, dotado de determinada hereditariedade, criado neste ou naquele ambiente, portador de um certo número de traumas uterinos e infantis, condicionado por numerosas influências climatéricas e alimentares, sujeito às influências do meio humano, da publicidade, etc. Como ser ele próprio, isto é, livre, no meio de tão numerosos influxos situacionais? A conquista da liberdade, precedida da tomada de consciência dos seus condicionalismos: eis o tema deste livro.”

Cibernética e liberdade: maneira nova de pensar o homem? (1976): “Educar é ajudar a criança e o jovem a serem homens na verdadeira acepção da palavra, proporcionando-lhes os meios de o conseguir. Esta tarefa implica, como é evidente, antes de mais, a resposta a esta pergunta fundamental: que é o homem? O enigma do homem tem sido o problema capital de toda a reflexão humana e, pode crer-se, continuará a sê-lo no futuro. Para a elucidação dele devem concorrer todos os meios de investigação ao alcance do homem. A Cibernética não poderia ficar alheia a este esforço visceral. Em que é que a Cibernética tem concorrido para elucidar o enigma do homem: eis a pergunta a que esta obra procura responder.”

Teorias sobre a História (1982): “Educar é preparar o homem para, como indivíduo e membro de Comunidades

(familiar, local, regional, nacional, planetária), construir o futuro. O homem é, de facto, o construtor da história. Porém quais os dinamismos que levam o homem a construir a história? Qual a percentagem de liberdade que, ao homem, resta nessa construção? Qual o papel do indivíduo e da coletividade em semelhante construção? A perspectivização da situação do homem como construtor da História é um elemento fundamental da sua educação. Ignorá-lo seria expormo-nos a formar homens antecipadamente condenados à frustração! Daqui resultam também consequências gnoseológicas. Construída pelo homem, a História (*res gestae*) será ou não uma forma de conhecimento peculiar? É este o problema do “estatuto da História” como *cognitio rerum gestarum* (o mesmo se diga das restantes Ciências Humanas, incluindo as da educação!). Muitos têm sido os homens que, ao longo dos tempos, se debruçaram sobre estes assuntos. Teorias da História pretende fazer o ponto da situação e insinuar as linhas das futuras investigações.”

Nos três primeiros livros, Filipe Rocha, filósofo ligado à Faculdade de Filosofia de Braga, anda à volta da liberdade humana e dos seus contextos condicionadores, metodológico-processuais e histórico-culturais. Nos livros seguintes, Filipe Rocha, filósofo da educação, no Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro, faz uma síntese das *Correntes pedagógicas contemporâneas* (1988), o manual de referência para os seus alunos, e organiza a sua obra pedagógica principal *Fins e objetivos do sistema escolar português* (1984), que dará origem a vários livros nos anos finais da sua vida: inicialmente prevista em 3 períodos (de 1820 a 1926, de 1926 a 1974 e de 1974 à atualidade), apenas publica o primeiro volume, considerando não haver ainda o distanciamento histórico necessário para os seguintes, pelos ódios que estes períodos ainda concitam e, como eram estes períodos que mais o implicavam pela sua própria experiência educativa de aluno e professor, enveredou por biografias de pedagogos aveirenses desses períodos, ensaiando uma contextualização e interpretação compreensiva dos personagens, das suas ideias e sobretudo do pensamento pedagógico. Contribuiu ainda, através de vários artigos que publicou depois num volume, para a reflexão e investigação sobre o que é educar em valores num sistema educativo que prevê educação

moral e cívica e uma área de formação pessoal e social.

Correntes pedagógicas contemporâneas (1988) constitui o seu livro de apoio às aulas da disciplina que tinha o mesmo nome nos cursos de formação de professores da Universidade de Aveiro, um livro com ideias claras e distintas, que apresenta em reflexão serena os pontos de vista em confronto da escola tradicional e da escola nova e uma visão de síntese do “entusiasmo um tanto ingénuo de alguns” e do “amadurecimento de outros”, mostrando que “as pretensões iniciais da Escola Nova foram a pedra que, rolando pela encosta da montanha, provocou o aparecimento de uma verdadeira avalanche de ideias, propostas, sugestões, iniciativas, etc. Eis-nos, agora, face a uma riqueza, a uma diversidade quase desconcertante de perspectivas pedagógicas e entendemos designá-las por correntes pedagógicas contemporâneas. Elas constituem a filosofia pedagógica, subjacente ao grande empreendimento de realizar o homem, renovando-o, através da educação. Procurámos sintetizar esta filosofia em dez perspectivas (correntes) fundamentais [1– pedagogia ativa; 2– pedagogia funcional; 3– pedagogia da criatividade; 4– pedagogia lúdica; 5– pedagogia da liberdade; 6– pedagogia personalizada; 7– pedagogia da sociabilidade; 8– pedagogia intuitiva; 9– pedagogia experimental; 10– pedagogia da totalidade]. Absolutizando-as uma a uma, contrariaríamos o espírito dos seus defensores mais representativos. Elas devem ser tomadas como um conjunto que procura ter em conta a realidade multifacetada que é o homem e a sua existência presente e futura.” A última parte do livro (Da confrontação à convergência) aponta para se ultrapassar o contraste e chegar à síntese: “Estas diferenças não constituem aporias mas, para muitos autores, revelam-se, em boa parte, como tese e antítese – a pedirem uma síntese. A essa tarefa se vêm dedicando numerosos filósofos atuais da educação.”

Fins e objetivos do sistema escolar português: I. Período de 1820 a 1926 (1984) é a sua obra de referência sobre a evolução do sistema educativo português de 1820 a 1926, em que analisa com o distanciamento histórico suficiente as metas educacionais que têm sido propostas pelo sistema educativo português e as prospectivas daí decorrentes. Considera como periodização: –Da Revolução Liberal à Regeneração

(1820-1851), –Da Regeneração às Conferências do Casino (1851-1871), –Das Conferências do Casino ao *Ultimatum* (1871-1890), –Do *Ultimatum* à Implantação da República (1890-1910), –Da Implantação da República à Ditadura (1910-1926). Para cada um destes períodos, procurou os fins e objetivos do sistema educativo português: –Análise da política educativa seguida em Portugal; –Investigação sobre os alvos ou objetivos gerais educativos; –Exame da estrutura curricular e dos conteúdos programáticos. No final faz uma perspetiva crítica de conjunto da “escola liberal e a sociedade portuguesa”, começando assim: “os problemas do sistema escolar liberal continuam a ser atuais em muitas das suas facetas não só porque não foram ainda suficientemente resolvidos, mas também porque, hoje, se estão retomando ao nível político oficial, muitas das linhas de força anteriores a 1926”. E desenvolve uma reflexão panorâmica dos problemas em que nos sentimos envolvidos com grande profundidade: –Coordenadas de base (A criança a educar, A sociedade a construir, A relação pedagógica); –Opções sócio-filosóficas (A escola e as classes sociais, Laicização da escola, Naturalismo pedagógico, Instrução e moralidade, À busca de um novo humanismo); –Aquisições e perspectivas (Uma educação infantil que busca caminhos, Uma escola primária que se impõe, Um ensino secundário que se estrutura, Uma universidade que se abre); –Razões de uma situação (Causas económicas, As condições socioeconómicas de boa parte do povo português, Centralização *versus* descentralização, Deficiente preparação dos professores, Tendências monopolistas?, Ausência de reformas profundas, Interferência de interesses clasistas, Rivalidades partidárias, Burocracia, Pouco apreço pela instrução, Os males que nos afligem), segundo Adolfo Coelho (1898). Sobre esta obra escreve o autor: “A atribuição, após longas lutas entre conservadores e progressistas, da competência educativa aos poderes públicos (efetuada fundamentalmente a partir do liberalismo) colocou, nas mãos do Estado, um meio privilegiado de modelar a sociedade de acordo com certas normas ou padrões de vivência ou convivência. Estabeleceu-se assim claramente uma dialética entre factores político-sociais (em sentido lato) que condicionam os sistemas educativos e os próprios sistemas educativos que modelam a sociedade, inculcando-lhes certas

normas ou padrões de vida individual e convivência social. Portugal não fugiu a esta genérica linha de rumo. Na presente obra, analisam-se os fins e objetivos veiculados pelo sistema escolar português na época burguesa-liberal (1820-1926). Tal análise é perspectivada à luz de várias coordenadas de âmbito histórico nacional e mundial, realçando-se os factores de índole filosófico-pedagógica. Apesar de todas as vicissitudes, uma linha de rumo se destaca: as metas legais e institucionais do ensino entre nós não conseguiram distanciar-se da ideologia burguesa-liberal.”

Pedagogos aveirenses é uma obra concebida como uma trilogia de pedagogos aveirenses dos séculos XIX-XX: João Evangelista Lima Vidal (1874-1958), Francisco Homem-Christo, (pai) (1860-1943) e Jaime Magalhães Lima (1859-1936). Em *Lima Vidal (1874-1958)* (1996) faz uma síntese da “Perspectiva sistémica de educação” (apresenta a “Polissemia de educação”, distingue “Educação e pedagogia”, refere a importância da explicitação na relação “Educação e mundividência” que associa à relação menos profunda “Educação e ideologia”, compara “Educação e utopia” e aponta a influência de “O meio educativo” no desenvolvimento de cada ser humano); de seguida contextualiza o “Ambiente cultural de uma existência” concreta na primeira metade do séc. XX (“Pensamento coevo” de Lima Vidal, “Problemas sociais e doutrinais” da época, “Transmutação de valores” na passagem do séc. XIX para o séc. XX, “O republicanismo português” e “O Estado Novo”); ensaia uma interpretação da ação educativa do bispo que mais influenciou a sua própria educação (1945-1957) em “Aprender com sinceridade” e “Ensinar sem inveja”; por último, em síntese, foca a “Formação humanista-personalista”, a tensão entre “Autoridade e liberdade” e “A educação do seminário e a personalidade dos alunos”, apontando para que toda a educação tenha como função “despertar seres capazes de viver e de se comprometer como pessoas, dispostas a utilizar a sua liberdade ao serviço da realização pessoal própria e alheia”. Também neste livro a liberdade é considerada o eixo para a educação, como foi o principal problema da sua educação. Em *Homem-Christo, (pai) (1860-1943)* (publicação póstuma) conduz-nos pelos problemas da educação em Portugal na passagem do séc. XIX ao séc. XX, pela evolução das

reformas educativas de 1894 a 1921 e os seus reflexos até à actualidade, numa abordagem focada no pensamento de Homem-Christo: “livre pensador e democrata”, “uma visão da História de Portugal”, “o ensino que não temos”, “uma prioridade que não existe”, “Homem-Christo, humanista”. A seleção dos textos de Homem-Christo, a análise da realidade educativa da época e a sua contextualização e interpretação são feitas com grande rigor conceptual e intenção pedagógica. O desenvolvimento da análise do pensamento de Homem-Christo é acompanhado por uma apresentação das ideias contemporâneas, tornando esta leitura muito oportuna e acessível. Os assuntos focados são de grande atualidade e pertinência para uma reflexão sobre a educação em Portugal: democracia e partidos; progresso e decadência; patriotismo e solidariedade; ensino básico, liceal e superior que não temos; instrução e educação: o que é instruir e educar; cultura e tecnologia; o clássico-humanista e o técnico-profissional; letras e ciências; o homem humano integral; o problema ético-religioso; a moral pode ser ensinada?... – *Jaime Magalhães Lima (1859-1936)* (que não chegou a ser redigido) seria o livro da educação para a liberdade, da pedagogia da liberdade e da pedagogia personalizada, que vemos esboçadas em *Correntes pedagógicas contemporâneas* (1988).

Educar em valores (1996) constata que alguns professores continuam, hoje ainda, a separar o ensino da sua disciplina da educação, repondo o problema da instrução e da educação na linha do velho mito cientista, “segundo o qual a ciência experimental é capaz de solucionar todos os problemas humanos”. Propondo a Lei de Bases do Sistema Educativo uma área de formação pessoal e social, “que, no fundo, não é senão uma formação em valores”, considera que é necessária uma “reflexão aprofundada para não misturarmos valores com ingenuidades anti-axiológicas”. Começa por clarificar o que são valores e a sua relação com a educação e, de seguida, reproduz os artigos “Educação para os direitos humanos” (*Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1985), “A educação da sexualidade num contexto humanizante” (*Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1988), “Educar para a paz” (*Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1989), “Educação para valores e maturidade pessoal do educador” (*Revista Portuguesa de Filosofia*, 1990), “Educar para a liberdade e a autonomia” (*Revista*

Portuguesa de Filosofia, 1993), “Educar para os direitos da criança” (*Revista da Universidade de Aveiro: Letras*, 1994), e acrescenta o capítulo sobre a “Solidariedade”. De Filipe Rocha fica a imagem de um “pedagogo aveirense” que concebia a educação como o que permite a uma criança tornar-se um humano mais perfeito: “A filosofia da educação tem como objeto fundamental revelar progressivamente o ser que a criança está vocacionada a tornar-se; ou seja, indicar um ideal de homem: aquilo que constitui a perfeição e o valor da pessoa humana. A filosofia da educação é, pois, a reflexão, o mais aprofundada e englobante possível, acerca dos fins e meios de educação, dos métodos de ensino e das instituições que os concretizam. Tal reflexão não pode deixar de ter em conta as doutrinas e concepções pedagógicas do passado, os problemas do presente e as perspectivas do futuro.” Estas ideias enformavam permanentemente as suas atitudes como professor que, com rigorosa seriedade e total dedicação, transmitia aos seus alunos que a educação é o meio para cada um aprender a construir o seu próprio ideal de ser humano e que ao professor cabe ajudar cada aluno a construir esse ideal sobre um problema de fundo: a liberdade humana.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

Liberdade em situação. Braga, 1971. – “Pedagogia cibernética”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, n.º 2, tomo XXVIII, 1972, pp. 129-150. – *Cibernética e liberdade: maneira nova de pensar o homem?* Braga, 1976. – *Teorias sobre a História*. Braga, 1982. – *Correntes pedagógicas contemporâneas*. Aveiro, 1988. – *Fins e objectivos do sistema escolar português: I. Período de 1820 a 1926*. Porto, 1984. – “Perspectivas pedagógicas da filosofia existencialista”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, n.º 4, tomo XL, 1984, pp. 337-360. – “A pedagogia existencial de Delfim Santos”, *Revista da Universidade de Aveiro: Letras*, n.º 2, 1985, pp. 53-97. – “A educação como verdade do homem”. *Revista da Universidade de Aveiro: Letras*, n.º 3, 1986, pp. 109-123. – *Educar em valores*. Aveiro, 1996. – *Pedagogos aveirenses: I. Lima Vidal (1874-1958)*. Aveiro, 1996. – *Pedagogos aveirenses: II. Homem-Christo (pai) (1860-1943)*, Aveiro, 2003.

■ **Inovação**. *Revista da Universidade de Aveiro: série Ciências da Educação*. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. *Revista Portuguesa de Filosofia*.

TRABALHOS SOBRE O AUTOR

Jorge Arroiteia, *Elogio fúnebre do Prof. Filipe Rocha*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1996. – Manuel Ferreira Patrício, *Filipe Rocha: uma vida ao Serviço de edificação do Homem* (conferência evocativa do 1º aniversário do falecimento do prof. Filipe Rocha), Aveiro, 1997. – Carlos Meireles-Coelho, *O último livro de Filipe Rocha (1933-1996)*. Aveiro (conferência na Escola Secundária Homem Cristo de Aveiro, em 25/02/2003).

Carlos Meireles-Coelho